

POR UMA TESSITURA DO AMOR EM HILDA HILST

FERNANDES, João Paulo¹
Universidade Federal da Paraíba
Programa de Pós-Graduação em Letras

1 Uma introdução

A tentativa de compreender o universo literário hilstiano passa pelas representações narrativas, dramáticas e poéticas, contemplando a universalização da proposta aristotélica acerca dos gêneros literários. Propomos debruçar um pouco mais em sua produção lírica, onde as imagens simbólicas permitem em sua condensação compreender o que está implícito através dos ecos estabelecidos pela voz, o amor e outros sentimentos figurativizados no poema.

As metáforas que (res)significam o amor, em Hilda Hilst, acabam por configurar o objetivo de nosso trabalho, de modo que, a voz lírica intensifique e revele a representatividade do *Eu*, especialmente notada no segundo poema da obra *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (2008), além de iconizar elementos poéticos que coadunam com o entendimento de outros fatores imbricados ao amor.

O delineamento do amor na obra hilstiana seguiu, metodologicamente, uma leitura articulada com discussões teóricas de Cohen, Hegel e Octavio Paz. Nessa perspectiva, buscamos uma tessitura do amor adensado às palavras que ecoam outras memórias, assim como imanências que sugeriram outros significados ao sentimento representado pelo eu lírico.

Por uma tessitura do amor em Hilda Hilst tentamos mapear, de forma breve, o viés do sentimento que chama e/ou imbrica outras manifestações, a exemplo da dor, da paixão, do erotismo entre outros. O amor é uma metáfora que, ao mesmo tempo abstrai sentimentos, acaba por estabelecer pressupostos a outros elementos ecoados, ou seja, é a partir dele que são revelados desejos, paixões, angústias etc.; além de figurativizar através das imagens poéticas não só as ideias, mas por palavras, confluências inerentes ao texto e as implícitas que são formalizadas no plano das significações.

¹ Doutorando pelo Programa de Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL), da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), sob orientação do Prof. Dr. José Hélder Pinheiro Alves.

2 Confluências teóricas

Ao tomar a linguagem poética como objeto de estudo, nem por isso definimos tal objeto com suficiente clareza. Porque a linguagem é uma realidade paradoxal, que a análise revela como formada de elementos não linguísticos. Há duas maneiras de encarar o poema, uma que é linguística e outra que não o é. (COHEN, 1974, p. 27).

A linguagem poética, como sabemos, não está presente apenas no poema, sua manifestação pode ocorrer nos mais diversos gêneros literários, principalmente após o reconhecimento das novas propostas defendidas por críticos como o italiano Alfonso Berardinelli. Dessa forma, ao adentrarmos no universo da linguagem poética, especificamente, na poesia de Hilda Hilst, consideramos pertinente o diálogo com o legado teórico de Jean Cohen, no qual traça discussões que corroboram com nossa propositura analítica.

Chamamos atenção para a epígrafe, uma vez que sugere a compreensão da linguagem poética a partir da fusão de elementos que é dada ao poema, ou seja, é preciso que olhemos para as duas formas de representação, de modo que haja a contemplação do linguístico e também do não-linguístico, já que reúne mais de um elemento, resultando em um complexo de imagens capaz de elucidar significados tangentes ao amor e outras memórias presentes no texto poético. Concernente ao que propõe Jean Cohen faz-se necessário destacar:

A linguística tornou-se ciência no dia em que, com Saussure, adotou o ponto de vista da imanência: explicar a linguagem por si mesma. A poética deve adotar o mesmo ponto de vista: a poesia é imanente ao poema, tal deve ser seu princípio básico. Como a linguística, ela só trata da linguagem, com a diferença de que a poética toma por objeto não a linguagem em geral, mas uma de suas formas específicas. O poeta é poeta não pelo que pensou ou sentiu, mas pelo que disse. Ele é criador não de ideias, mas de palavras. (COHEN, 1974, p. 38).

A partir do trecho citado acima é possível perceber a importância da linguística enquanto código e sua imanência, seja na comunicação ou ainda na representação da linguagem escrita, no nosso caso, o poema. Dessa forma, a figura do poeta é delineada a partir do que produz, mesmo que expondo o pensamento e sentimento, não podemos

limitá-lo à superficialidade e/ou à inspiração; na verdade, busca-se muito mais que isso, a intenção é verificar o que foi dito e como foi dito através de palavras.

Ainda sobre as considerações teóricas da poesia, é válido observar o que apontou Hegel, em seus *Cursos de Estética*, que corroboram com as ideias de Cohen, sistematizando ainda mais nossa discussão em torno da linguagem poética.

Vimos que na poesia o representar interno mesmo fornece tanto o conteúdo quanto o material. Contudo, na medida em que o representar também fora da arte já é o modo mais corrente da consciência, devemos nos submeter à tarefa de separar a representação poética da prosaica. A arte da poesia não pode, todavia, permanecer presa unicamente a este representar poético interior, mas deve confiar as suas configurações à expressão linguística. (HEGEL, 2004, p. 21).

Aqui retornamos à discussão da imanência do texto, ou seja, a forma deve significar, conjuntamente, todos os demais elementos do poema, de modo que haja confluência do que foi pensado e relatado pela palavra. A poesia, de fato, difere de outros gêneros literários, talvez pela subjetividade estar atrelada à condensação, ou ainda, pela necessidade de compreendê-la pela escolha e som da palavra, tarefa atribuída ao poeta.

Nessa perspectiva teórica, propomos dialogar com Hilda Hilst, no que diz respeito à sua poesia. Isto é, apontamos para feitos de relevância às imagens sugeridas no poema selecionado para nossa análise e os propósitos teóricos levantados por Cohen e Hegel, sistematicamente fundidos para compreendermos o amor e outros ecos imbricados no texto.

3 E o amor?

Como definir o amor? É mesmo necessária alguma definição? Toda e qualquer definição pode caracterizar a limitação e/ou reducionismo do termo, da pesquisa etc., como proposta delimitadora de nosso trabalho, sugerimos conversar sobre o amor a partir da mitologia grega e sua atualização figurativizada na poesia hilstiana, considerando também a proposta de Octavio Paz em *Uma dupla chama: amor e erotismo*.

Segundo o dicionário de mitologia grega², o amor significa, de forma direta, uma troca, especialmente sexual. Personificados por *Eros*, o amor caracteriza-se pela parte consciente do amor que uma pessoa sente por outra e que conduz a permanência do convívio. Observamos que essa troca pode ser explicitada pela poesia de Hilda Hilst através de uma linguagem aferida de sentimentos sob o efeito da racionalidade de uma construção poética que prima pela fusão de elementos sonoros, visuais e simbólicos que (res)significam as experiências.

A transcrição do poema se faz necessário agora, uma vez que oferece mais que elementos linguísticos e, que nos permite inferências acerca de outros aspectos, aqueles que são inerentes à forma, mas que é preciso sua visualização para que sejam concebidos pelo leitor.

II

Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me.
Eu te direi que o nosso tempo é agora.
Esplêndida avidez, vasta ventura
Porque é mais vasto o sonho que elabora

Há tanto tempo sua própria tessitura.

Ama-me. Embora eu te pareça
Demasiado intensa. E de aspereza.
E transitória se tu me repensas.
(HILST, 2008, p. 18).

Hilda Hilst constrói no poema um *Eu* lírico de expressão feminina, que embora se apresente no penúltimo verso, acaba por (res)significar desde o amor e sua ausência, põe em suspense a voz que fala no poema pela ambiguidade e inconstância de um eu que pode assumir mais de uma identidade; aspecto bastante singular em sua produção poética, que configura o estranhamento do poema e aguça o enfrentamento pelo leitor.

Para o mexicano Octavio Paz, falar de amor é conectar três campos – sexo, erotismo e amor, os quais remetem a interdependência de fatores que une uma pessoa à outra. Em se tratando de poesia lírica e/ou amorosa, o fato se completa porque “a poesia e o pensamento são um sistema único. A fonte de ambos é a vida: escrevo sobre o que vivi e vivo”. (PAZ, 2001, p. 6).

² Definição adaptada do Dicionário de Mitologia Grega e Romana, de autoria de Mário da Gama Kury.

A experiência é, certamente, tratada pelo poeta pelas palavras, e essas palavras dão muito mais que forma, elas imanam significados, o que resulta em poema. Tal imanência põe-nos diante da poesia, que para Octavio Paz (2001, p. 11): “A poesia nos faz tocar o impalpável e escutar a maré do silêncio cobrindo uma paisagem devastada pela insônia. O testemunho poético nos revela outro mundo dentro deste, o mundo outro que é este mundo”.

A questão acima é aludida pelo eu poético no poema citado e, que antes de nos debruçarmos um pouco mais sobre ele, gostaríamos de situá-lo enquanto divulgação. A obra *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (2008) traz uma série de poemas que tratam do amor, do erotismo, paixão, desejo e outros fatores, da qual selecionamos o segundo poema sem título que compõe o capítulo *Dez chamamentos ao amigo*.

O que dizer sobre o poema? Aliás, o que o poema nos diz? “Ama-me. É tempo ainda. Interroga-me”. A forma imperativa logo no primeiro verso nos conduz à reflexão sobre o amar, e ao mesmo tempo nos confunde pela colocação verbal, que pode ser entendida como ordenação, mas também pode aludir à súplica ou pedido. Talvez se o verso estivesse isolado significasse a precisão ordenada, porém, pelo sequenciamento o entendimento seja redimensionado, principalmente, pelo tempo presente que reitera à possibilidade de existência, continuidade de algo entre os personagens aludidos, isto é, percebemos uma segunda pessoa através do pronome apresentado em próclise, o que significa a ou para alguém.

O fato se complementa pelos versos seguintes: “E eu te direi que o nosso tempo é agora./ Esplêndida avidez, vasta ventura/ Porque é mais vasto o sonho que elabora”. A partir dessa complementação formal, observamos que ainda sobre o primeiro verso do poema é possível aludir ao chamamento de uma divindade, personificado pelo amor verbalizado, mas que poderia ser o próprio deus do amor, mitologicamente falando. Alguns elementos marcam a temporalidade, ou seja, configuram o *eu* em situação que ecoam complemento à ausência, além de estabelecer com o amor paradoxo no que tange à completude requerida.

Percebemos desde já que o cerne do poema é, tangencialmente, erótico. Isto porque, a linguagem é metaforizada por elementos simbólicos, os quais corroboram para um possível entendimento, fugindo de clichês, uma vez que “A relação entre erotismo e poesia é tal que se pode dizer; sem afetação, que o primeiro é uma poética corporal e a segunda uma erótica verbal”. (PAZ, 2001, p. 12). Explicação que atribui

ao poeta a façanha da imaginação, fundindo no poema elementos do erótico e do poético que simbolizam e significam condições estabelecidas pela pessoa que fala.

O quinto verso se apresenta de forma livre, porém, marcado pelo enjambement articulado à estrofe anterior, o que nos remete à continuidade das questões antecipadas nos versos iniciais. Essa continuidade pode ser percebida desde o terceiro verso, quando o *eu* se põe diante do outro e o exalta com adjetivos enfáticos, a exemplo de “esplêndida avidez” e “vasta ventura”, o que de início pode parecer comparativo de inferioridade diante da voracidade e fortuna.

Os versos “Porque é mais vasto o sonho que elabora/ Há tanto tempo sua própria tessitura.” – apresentam novos horizontes e permitem verticalizarmos acerca do amor, ou seja, diante da pessoa amada, da qual se desnuda e, ora exalta, ora se expõe, nesse momento, o *eu* que fala no poema se coloca enquanto verdade no sonho do outro; e mesmo que não preencha os requisitos, atreve-se pedir ou talvez implorar atenção na organização amorosa.

A recorrência do verbo amar configura no poema à significação plural daquilo que pode expressar o abandono ou ainda a (in)completude do ser. O que nos recobra Octavio Paz “O protagonista do ato erótico é o sexo ou, mais exatamente, os sexos. O plural é obrigatório porque, incluindo os chamados prazeres solitários, o desejo sexual inventa sempre um parceiro imaginário... ou muitos”. (2001, p. 16). No caso do poema, o chamamento pelo verbo amar pode ser entendido pela proposição de Paz, de modo que, a imagem do outro pode estar sendo criada e/ou imaginada pelo *eu* lírico.

A última estrofe nos apresenta revelações e/ou validações dos sentimentos representados desde o princípio do poema, principalmente sobre o amor figurativizado pela voz do poema e pelo leitor. O “Ama-me.” pede complemento. O complemento é dado, e para a surpresa do leitor, marcado pelo módulo adversativo “embora”. Dessa forma, o amor nos é revelado, não pelo caráter idílico, do final feliz, mas pelo esboço da angústia, do dramático, configura-se pelo pedido, do implorar pelo amor, excetuando os defeitos.

Por outro lado, reconhecemos que “Ama-me. Embora eu te pareça/ Demasiado intensa. E de aspereza.” redimensiona o olhar para um *eu* feminino que mesmo suplicante pelo complemento, reconhece sua altivez, de modo que não se esgota pelo sentimento, dada a circunstância de abandono e dor. É pertinente observamos sua elocução quando se refere ao objeto de desejo, o amado senhor, que por ora foi posto

como divindade, em outros momentos como insensato, é traduzido agora como elemento complementar, ou seja, a relação de troca pode ser considerada, uma vez que, ao pedir compreensão e se reconhecer pela intensidade, não significa que seja algo pejorativo à sua essência, mas que pode significar o amor, enquanto equilíbrio.

O fato do *eu* ser definido apenas no final do poema estabelece ambiguidades, suscitando assimilações, anteriormente, relacionadas tanto ao homem quanto à mulher. Fato que pode ser inferido pelo último verso “E transitória se tu me repensas” – o que, possivelmente, estabelece explicação ao pedido de ser olhada, de ser amada, apesar do que possa parecer lacônico, percebemos um *eu* que se mostra incompleto, mas que na busca pela completude, revela-se pela transitoriedade, o que caracteriza outra nuance, principalmente quando repensada.

Ainda sobre o último verso é possível pensar a inversão de papéis, não mais por uma associação de culpados, mas pela atribuição que é dada ao outro ser, provavelmente masculino, aquele que foi exaltado, tido como essencial, assume agora a árdua função de (re)pensar, (re)definir a postura que por algum momento foi assumida pelo eu - feminino.

4 Algumas palavras finais

Como dito na apresentação de nosso trabalho, o nosso objetivo seria adentrar no universo poético hilstiano para delinear algumas imagens simbólicas que pudessem expressar o amor, especificamente, em *Júbilo, memória, noviciado da paixão* (2008), tomando como matéria de análise o segundo poema, do capítulo *Dez chamamentos ao amigo*, de modo que tais imagens fossem significativas a outras memórias (res)significadas, a exemplo do desejo, do erotismo, entre outras.

O incurso de nossa discussão girou em torno das teorias de Hegel e Cohen, que comungam da poesia enquanto unidade significativa que vai muito além da materialidade linguística. Nessa extensão que abrange outros elementos simbólicos, articulamos com os pressupostos de Octavio Paz, elucidando ainda mais com as possíveis leituras que fizemos sobre o amor em Hilda Hilst.

No tocante ao amor, o *eu* poético oferecido por Hilda Hilst nos aguçou as possibilidades de leitura, ou seja, não há como definir, pelo menos, em caráter emergencial um conceito único, tivemos acesso ao plural, de modo que, tentamos

singularizar as possibilidades que foram dadas à compreensão do sentimento diluído na complexidade do poema. Dessa forma, enxergamos na condensação da linguagem poética que é possível compreender os ecos, no caso do amor, chamam outros, a exemplo do erotismo.

Por fim, compreendemos o amor em Hilda Hilst como metáfora que (res)significa o erótico, que materializa no plano do texto a possibilidade de leitura e construção de significados, as quais transcendem a temporalidade, resultado da fusão de elementos imagéticos capazes de causar estranhamento no leitor e ao mesmo tempo oferecer nuances para o enfrentamento, além de suscitar o entendimento do eu que fala.

Referências

COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo: Cultrix, 1974.

HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética*. Vol. IV. São Paulo: EDUSP, 2004.

HILST, Hilda. *Júbilo, memória, noviciado da paixão*. 2ª reimpressão. São Paulo: Globo, 2008.

KURY, Mário da Gama. *Dicionário de mitologia grega e romana*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

PAZ, Octavio. *Uma dupla chama: amor e erotismo*. 5ª ed. São Paulo: Siciliano, 2001.